



O Galato

3 DE MAIO DE 1969
ANO XXVI — N.º 656 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA: DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO.

SANTO ATANÁSIO

«Verdadeiro atleta de Cristo» — lhe chama o comentador litúrgico que introduz no Missal a Festa do grande Doutor da Igreja.

O que Ele sofreu! Quase 50 anos, desde o Concílio de Niceia até à morte, em 373!

Difamações... — perseguição de que «os inimigos nunca desistiram» — obrigaram-no muitas vezes a «fugir de cidade em cidade». Tudo «por dizer in lumine o que Jesus diz in tenebris»; «por prègar sobre os telhados, o que lhe foi dito ao ouvido»!

Já Bispo de Alexandria, chegou a estar 5 anos fora da sua Igreja. Mas sempre a ela voltou e sempre por ela foi recebido summo honore.

Dia 2 de Maio, ocorre o 21.º aniversário da sagração do nosso Bispo, que o «Ordo» diocesano afirma «preclaríssimo» e por quem manda suplicar ao «Senhor que o conserve por muitos anos».

O Senhor, que lhe marcou o pastoreio com traços de Santo Atanásio, o traga depressa às suas ovelhas, que o não esqueceram e o amam.

Lourenço Marques

Foi ao abrir da Quaresma que demos início às obras da nossa Aldeia. E não encontrámos modo tão adequado de marcar o auspicioso começo como este que fizemos, pleno de sentido e simbolismo. Foi uma Via Sacra. Carregámos aos ombros pesada Cruz que ficou a marcar o centro da nossa Aldeia, porque também ela é o centro da nossa vida.

Como Pai Américo escreveu na de Paço de Sousa, assim gostaríamos de gravar nesta: «Cruz stat dum volvitur mundus». A cruz fica enquanto o mundo se volve e revolve. É um valor eterno. E como esta Obra assenta em valores eternos e trabalha para a Eternidade, aqui temos a razão da Cruz.

Há mais razões porém. Pretendeu-se renovar espiritualmente o sentido de missão que todos aqueles que vieram da Metrópole trouxeram no peito. Pequenos missionários do amor têm sido todos eles, sobretudo com mais evidência os nossos vendedores. Por uma circunstância não prevista, mas bem aceite, a cruz era desmedida para as nossas forças, como todas as cruzes parece que são. Todos fomos cireneus uns dos outros. Os maiores suportaram maior peso, incluindo o Senhor Arcebispo que paternalmente se associou a nós. As esposas do Júlio e do Quim foram boas auxiliares. E os nossos mais pequeninos por serem a maioria foram imprescindíveis. Uma imagem mais perfeita desta Obra, não podíamos ter realizado.



A foto não mostra tudo, mas é a única vista mais bela da nossa quinta — sob os braços da cruz.

Continua na QUARTA página

POR:
PADRE
BAPTISTA

Calvário

O senhor António vivia em casita muito pobre. E só. Viu passar os anos da sua vida de trabalho. E as forças foram-se-lhe. E com elas, a noção do tempo, das pessoas e de si mesmo. Hoje é um inválido.

Outro dia safam rolos de fumo por debaixo da porta onde morava. Foram ver. Ele caído, meio asfiziado pelo fumo do candeeiro de petróleo, suspirava por auxílio.

— Receba o nosso Pobre que ele qualquer dia aparece-nos morto ali, — vêm suspirar aqui as vicentinas.

Veio e está. E parece contente no meio dos que dele vão cuidando.

Estoutro é de Trás-os-Montes. Doente incurável e sem família. Alguns vizinhos que lhe assistem mostram-se cansados já, pois é preciso meter-lhe o comer na boca. «Organizado o respectivo inquérito e remetido para a Repartição competente, espera-se há muito o despacho superior que tarda em vir, se vier. Entretanto, o homem sofre o abandono e vai curtindo a sua miséria.»

Cada vez me faz mais pena a situação da velhice inválida, do doente sem cura, que não vê como sobreviver enquanto tiver vida. É fácil legislar. Mas a força da lei é pouca, no geral,

para chegar aos montes, onde se encontram os que dela precisavam.

— Está tudo cheio.

— Ele não há casas para você.

E afagos semelhantes recebem a maior parte dos inutilizados que sucumbem pelas serras e ermos. Em Lisboa, costumam informar em consulta da Misericórdia que só se fôr no Calvário.

Somos a última porta. Para muitas situações a única saída. E é pena. Porque atrás desta «última porta» há pouco mais de uma centena de leitos disponíveis. É realmente muito lamentável a situação concreta da velhice, sobretudo pela insegurança em que paira. Muitos dos que aqui temos não sabem bem o gosto que temos em os ajudar. Nem suspeitam do amor com que os queremos junto de nós. Nem reparam talvez nisso, porque no fundo são vítimas. A justiça humana é quantas vezes injusta. Primeiro a dos familiares. Depois a da sociedade, que não prevê, que humilha, obrigando os Pobres a estender o braço. Mas muitos braços morrem estendidos por detrás de escombros, de barracas ou mesmo de aparências modestas.

Vamos a ver se as forças chegam para ir esta semana em demanda de mais alguns. Depois dou contas.

«A criança tem direito a uma educação que deve ser gratuita e obrigatória, pelo menos ao nível elementar. Deve beneficiar de uma educação que contribua para a sua cultura geral e lhe permita, em condições de igualdade, oportunidades para desenvolver as suas faculdades, o seu julga-

Aqui Lisboa

mento pessoal e o seu sentido das responsabilidades morais e sociais e tornar-se um membro útil da sociedade». (Da «Declaração dos Direitos da Criança»).

Não basta enunciar princípios, é preciso pô-los em prática. O nosso Padre José Maria chamava à atenção no último «O Galato» para a escassez de escolas e de professores em Moçambique. O mesmo se poderá dizer da Metrópole, onde o problema se põe em termos agudos, sobretudo nas regiões mais interiores e desprovidas de meios. Os jornais dão conta, com relativa frequência, de escolas sem mestres e sabemos, paradoxalmente, de mestres sem escolas. O interesse posto pelos Responsáveis das coisas públicas em aumentar o rendimento do País só será concretizado na medida em que, lógica e primariamente se atender ao sector educacional, a começar obviamente pelos níveis mais elementares. Há me-

ses que temos nesta Casa uma escola especial criada, mas continuamos a aguardar Professor! O recente aumento de vencimentos do Professorado Primário, embora longe de corresponder às suas reais necessidades e à missão extraordinária que lhe cabe, foi, sem dúvida de aplaudir. Todavia, parece-nos muito relativo o seu alcance como atractivo de modo de vida. Há ainda muitas localidades sem casas disponíveis para alugar aos agentes de ensino, sem electricidade, sem casas de banho e outras condições mínimas de higiene e de conforto. Não nos parece despropositado conceder a este escalão de Servidores, em geral dedicados, subsídio de renda de casa ou alojamento próprio, como sucede com os Magistrados, pois, não se pode conceber, mesmo contando com alguma generosidade, que tendo

Continua na QUARTA página

Correspondência de Família

São notícias que muitas vezes, por falta de simplicidade, hesito em publicar. No entanto a Família é tão grande, sobretudo aqueles que, de fora, com muita justiça lhe pertencem pela dedicação com que nos seguem passo a passo — que bem merecem que repartamos estas comunicações de alma, ora alegres, ora tristes, repletas dos altos e baixos de toda a vida sobre a terra, sem quebra da intimidade que as caracterizam.

De África, de Inglaterra, da Metrópole, mensagens nos chegam todos os dias, que tornam carregado de sabor o nosso correio.

São rapazes no caminho de ser homens, são homens no caminho de uma maturidade sempre mais fecunda — a comungar nos nossos problemas, a dar-nos em comunhão os seus fracassos e os seus êxitos. «Que bom, que feliz viverem juntos os irmãos...!» E assim se demonstra que nem a distância, nem a idade, nem a autonomia, mesmo económica, — nada quebra os laços do amor que uma Família autêntica põe em circulação!

Eles aí vão, alguns trechos das nossas cartas:

«Desejo que aquela força e determinação de que me falava, seja o ponto predominante. Eu tenho pedido ao Senhor para que essa força e confiança nunca lhe faltem, principalmente nos momentos mais difíceis e de mais desânimo.

Eu tenho andado melhor graças a Deus. Mais confiante. Com mais determinação em seguir um rumo certo e desejado, embora em circunstâncias um pouco difíceis.

Estamos na Semana Santa, e estou a preparar-me o mais seriamente possível, não só para viver o mais santamente possível estes dias, mas, e essencialmente, fazer de cada dia um reviver constante e aperfeiçoar-me na minha vida de cristão.

Deus queira que aí por Casa tudo tenha corrido bem durante estes dias e que todos tenham sentido a necessidade, não de uma desobriga, mas dum balanço daquilo que se poderia ter feito e não se fez por negligência, por desinteresse.

Aproveito para lhe desejar uma Santa Páscoa, bem como a toda a comunidade e que o Senhor sobre todos derrame a Sua Graça.»

x x x

«Perdôe ter demorado a escrever, mas o certo é que temos andado muito ocupados com as mudanças de casa e com um número de pequenos outros problemas, à mesma inerentes. Porém, e graças a Deus, já lá vivemos e, como pode calcular,

estamos muito contentes por isso mesmo.

A nossa casa está portanto, às suas ordens, ou de qualquer dos nossos rapazes que tenha de vir aqui fazer algo. Não se preocupe, porque temos espaço, nem que fosse para 4 pessoas ao mesmo tempo. Temos: sala de estar, sala de jantar, 2 quartos grandes, e mais 1 pequeno, casa de banho completa, cozinha, um pequeno terraço em frente da casa e quintal para trás.

Já soube pelo último jornal, que as nossas Festas estão em pleno desenvolvimento, o que naturalmente, lhes acarreta bastante mais trabalho. Daqui lhes desejamos os maiores sucessos, o que estamos certos, assim acontecerá sem a menor dúvida, para bem da nossa querida Obra. Por notícias semanais, sabemos que a nossa filhinha se encontra bem de saúde, mas faz arrelliar os Avós. Logo que se pague a quem se deve, tencionamos trazê-la para junto de nós, se Deus quiser.»

x x x

«Como sabe já estou a trabalhar e procurel um serviço de modo que todos os dias possa ir até lá sem prejudicar as minhas obrigações.

As contas só aos sábados e domingos e às noites é que as vou fazendo. Com boa vontade tudo se vai fazendo desde que haja saúde. E assim aproveito mais todo o meu tempo.

Espero que tenham passado uma Páscoa feliz. Eu bem graças a Deus, pois o ano passado preguei-lhe uma partida, mas tudo são casos da idade que com o tempo se vai normalizando.

Tenho-me sentido um pouco vazio no que respeita a Graça. Pois nós todos os mais velhos precisávamos de fazer um retiro ou curso, para podermos fazer uma revisão a toda a nossa vida que tem muitos altos e baixos.

Receba um forte abraço e para toda a comunidade que também na nossa Mesa Pascal não os esqueçamos.»

x x x

Outra mensagem que nos calou fundo e pôs nos nossos lábios pecadores o canto da «felix culpa», ao revelar-nos um tão sincero, inteligente e comprometido amor.

«Venho escrever-lhe por um motivo, triste é certo, mas que a ambos diz respeito: A V., por se tratar de um rapaz que foi daí; a mim, por o

ter agora como soldado. Custar-lhe-à saber, como a mim me custou, que o F. anda gravemente desorientado. Leva uma vida que o tem arrastado a cometer faltas sobre faltas, algumas bem graves. Ainda agora foi novamente castigado.

Chamei-o à minha presença. Para conhecer a sua reacção fiz-lhe nova pergunta: — Sabes como és conhecido cá dentro?

— Sei, diz-me ele, chamam-me o Gaiato. Então, insisti: O teu comportamento merece que eu te chame assim? Baixou os olhos. Percebi que, embora de há uns tempos para cá, leve uma vida bem desgraçada, mantém dentro de si o apelo que lhe deixou a formação recebida em Paço de Sousa. Sei que se tem mantido afastado do contacto com as Casas e os rapazes.

Por tudo isto entendi que devia escrever a V.. Talvez, se voltasse a conviver com o ambiente que o formou, ganhasse força para regressar ao bom caminho.

Desculpe, mais um problema a juntar a outros.»

Se todos os que comandam fôssem assim, Pastor e Pai, que grande escola seria na verdade a vida militar!

x x x

E já agora, não resistimos em dar à estampa o documento que se segue, o segundo recebido em dois meses, de outro Comandante para quem os seus homens não são números, mas peças vivas de uma vitória que mais se há-de merecer do que ganhar.

«De novo, o Comandante do Batalhão de Artilharia 2864, agora 'em Terras Portuguesas de Além-Mar, vem apresentar a V. Ex.as os seus cumprimentos e os votos de Alegres Festas Pascais.

Decorridos quase dois meses desde a hora da partida, os militares desta Unidade encontram-se adaptados já ao novo ambiente que os rodeia.

No entanto, continuam a sentir, por vezes, com grande intensidade, a distância que os separa dos seus familiares e amigos.

Assim, eles necessitam do vosso apoio, transmitido através das vossas cartas, único meio material de lhes manifestar a vossa presença.

Renovando os seus cumprimentos e pondo-se inteiramente ao vosso dispor, despede-se com amizade.

O Comando do BART. 2864.»

O egoísmo produz tristeza. Mata. A generosidade, ao contrário, é fruto das almas boas. É o sinal característico delas. O egoísta não sabe comunicar. Reserva tudo para si. Faz-se centro de toda a sua vida e esquece os outros. O egoísta é triste. Mesmo quando parece sair de si mesmo, fá-lo pensando em si. Julga não depender de ninguém: porque não ama.

Quem ama é pobre. Pode ter muito dinheiro, muitos bens de fortuna, mas é pobre. Sabe que não é senhor absoluto do que tem: muito ou pouco. Por isso quer comunicar. Quer dar. Quer ajudar os outros a serem felizes e assim vai fazendo a sua felicidade também.

Como é isto possível? Só experimentando. Temos contactado com homens de dinheiro. De muito dinheiro. Que fizeram a sua fortuna à custa de muito trabalho, de muitas canseiras, concerteza, mas deixaram de pensar nos outros e a sua linguagem é sempre a do negociante, mesmo com os Pobres.

Os que fazem o progresso do mundo não são os egoístas. Mas os dotados de coração pobre. Diga-se de cada pessoa e das nações.

E a propósito, vou dar-vos conta do que os Pobres nos têm dado. De uma mãe, de Benguela, vieram 1.200\$ «correspondentes à promessa que



fiz de oferecer para a vossa Obra o produto integral do meu aumento de vencimento, durante 4 meses». 300\$ do Lobito. Mais 220\$00. Produto de uma colecta entre colegas de trabalho 140\$00. Um cheque no valor de 1.702\$00. Parte do produto de uma festa, 2.737\$50. Mais um testemunho de uma mãe pobre: « meu marido tem

um vencimento muito pequeno. Vivemos no mato e temos os filhos a estudar fora, mas sempre que possa não me esquecerei de seus rapazes». Esta mãe manda 260\$00. Outra mãe do Lobito. Mais 1 cheque de 1.000\$, do Cubal. Da Catumbela, 150\$. Mais 1.000\$00, da Catumbela, de mãos muito amigas. Outra vez Lobito com 300\$. De um



O depósito da água espreita sobre o refeitório da Casa de Benguela.

pequeno Amigo, de Benguela, 500\$00. De Lisboa, a avó de Moscovide quis estar presente com 500\$00. Outro tanto de um Casal, de Benguela, que nunca nos esquece. Cubal, com 20\$. De Silva Porto, 800\$00. Outra vez Catumbela com 200\$. De Luanda, 500\$. De novo Lisboa, com 200\$00.

O «Óbulo da Viúva» continua a ser motivo de espanto. Ele é marcado pelo sacrifício e sobretudo pelo sofrimento de não poder ser muito maior. Veio do Cubal: «Como eu, Deus bem sabe quanto lamento a minha intenção não ser «valorizada» como tanto gostaria! Porque não quero forçar cofres, nem consigo vencer o egoísmo e avareza de quem poderia mas não quer repartir do que Deus vai dando com certo desafogo, resta-me manifestar a minha presença amiga com a pequenina nota que junto e destino à canela do arroz doce do domingo de Páscoa.»

x x x

As nossas obras continuam a subir. Devagarinho, mas vão subindo. Do escritório donde escrevo estas notas, oiço o martelar dos pedreiros a levantar o edifício das Escolas. E vejo o Joaquim, o Henrique, o «Cangan» e outros a carregar tijolo para as mesmas. Eles também constroem. A placa não tardará. O aviário recebe os últimos retoques. E a vacaria, já coberta, fica a aguardar os acabamentos para quando o Sr. Secretário do Fomento Rural nos der as vacas que tão amigavelmente nos prometeu.

Padre Manuel





Martinho solda com atenção. É um dos nossos serralheiros de Paço de Sousa.

O Senhor veio buscar a Mãe das Criaditas dos Pobres. Ela estava ansiosa que Ele viesse. Estes cinco meses de agonia lenta foram prova dura, embora muito amorosa. O Senhor que a Maria Carolina, ainda muito jovem, prometeu servir é um Senhor exigente. E então quando é servido nos Irmãos Pobres torna-se ainda mais exigente.

O quarto da Mãe doente foi um santuário muito concorrido durante toda a doença. Ali nunca faltou o sorriso da esperança. E quem vinha, partia com mais fé e com mais amor para aceitar a vida. Tive a felicidade de passar junto dela uns momentos do seu último dia de vida. Estavam presentes todas as Criaditas. Apeteceu-me não arredar pé. Era um ambiente sobrenatural.

Recordo dois testemunhos junto da Mãe já morta. Dois homens novos. O primeiro chegou, beijou-a na frente e disse: «Que Deus te tenha feito como

TRIBUNA

de Coimbra

tu, Mãe, nos fizeste». O segundo em silêncio, beijou-a muito na boca e na frente. Olhou muito para ela e tornou a beijá-la e partiu à pressa.

A Missa na Sé Velha foi uma concentração de almas. Os nossos dois Bispos. Muitos sacerdotes. Muitas religiosas. Muita gente. Muita participação. Muita festa espiritual. Eu acredito na Comunhão dos Santos e ali até os olhos tinham de acreditar.

O funeral para a Conchada foi cortejo de triunfo. O povo também canoniza os Santos. O caixão feito de pinho tosco e cordas pegadeiras e coberto com xaille preto foi relicário transportado mais com corações do que com mãos e ombros. Todos queriam levar: sacerdotes, mães de família, militares, religiosas, homens de idade, rapazes, raparigas.

A volta da sepultura juntou-se um mar de gente. Só se ouvia o rebentar das lágrimas dos corações e o perfume dum mundo de ramos de flores. A

terra não ficou a pesar no caixão, pois as flores quiseram encher toda a cova. O corpo da Mãe foi digno de muitas flores.

Regressámos com o grito de alma daquela mulher que não foi capaz de mais silêncio: — «Eu quero a mãezinha. Eu não posso viver sem a minha mãezinha». Apeteceu-me gritar-lhe no mesmo tom: — Vai em paz, mulher, a Mãe foi para o Céu, mas o seu espírito ficou em todas as suas filhas. As Criaditas dos Pobres encheram-se bem do espírito da «nossa Mãe».

Coimbra foi cenário de mais uma vida de Amor ao serviço dos outros. A Mãe das Criaditas dos Pobres ficou bem no grupo coimbrão: Isabel de Aragão, Padre Melo, Padre Américo, Elísio de Moura.

Que o seu exemplo nos arraste, pois a sua memória será sempre abençoada.

Padre Horácio

Setúbal

A Primavera chegou. Toda a natureza se levanta e sai do letargo em que estivera durante a estação das neves para, de rompante, mostrar toda a sua beleza e todo o seu pitoresco. As árvores, sem folhas, começam agora a cobrir-se de lindas flores dos mais variados tons.

As aves, de plumagens magníficas, como que misturando-se com aquelas, pululam em toda a parte, chilreando e buscando aqui e ali os alicerces dos seus ninhos. Que lindas lições de entreajuda, de igualdade entre grupos e de fraternidade elas dão aos humanos que a maior parte das vezes as esquecem. Os campos cobrem-se de mantos de flores lindas, lindas, que só a vista tem o prazer de contemplar.

E enfim toda a esta vasta gama de aspectos magníficos a Obra do Criador mostra.

Para os homens de experiência largamente batida... é mais uma Primavera igual a tantas outras! Mas, para os espíritos jovens, de fibra elástica ainda bem maleável, há sempre um não sei quê de diferente. Após essa época de sono e sombria, que é o Inverno, surge um sol majestoso, de raios refulgentes, que fazem crepitar nas almas juvenis novas ansias de conhecer, de se elevar e de se debruçar mais e mais para a Natureza.

Em nossas casas, a Primavera tem sempre um não sei quê de especial, que a faz só por isso completamente diferente das outras restantes quadras anuais. É a época das festas, das «dulces» festas, em que surgem daqui e dali as mais variadas ideias, em que cada um se entrega de alma e coração a este aspecto que de ano para ano se renova e se torna cada vez melhor. Os ensaios preenchem todos os tempos do

dia e parte da noite. Por vezes, não há recreios. O ofício é posto de parte. «Agora, só festas! — Ah! Mas nós não podemos, temos muito que fazer na oficina e vamos agora dispensar os rapazes! — Só festas por agora! Os trabalhos fazem-se depois ou vão-se fazendo quando possível.» É assim e continuará a sê-lo sempre. Enquanto as festas não acabam, não há domingos nem feriados. Todos os tempinhos disponíveis são aproveitados.

x x x

A Primavera em nossas Casas é também noutro aspecto. — É ela a época das caçadas aos pássaros. É ela a chegar e ei-los a correrem desalmadamente por todos os cantos da quinta à procura das ratoeiras do ano passado. E há disputas e que disputas! — Eh, pá, tu roubaste-me três ratoeiras. E engalfinham-se... Os milharais são invadidos em busca de lagartas para a «isca» das ratoeiras. Por toda a parte buscam para a manufatura das armadilhas. Os terrenos cultivados são ocupados também. Anda tudo numa roda viva! Surgem as físgas e as fundas. Aos domingos e aos recreios a malta desaparece toda. Apenas um pequenino grupo joga a bola no campo, de resto tudo vai aos pássaros, tudo se entrega às caçadas furtivas. Quando algum por vezes tem a sorte de recolher uma boa passarada, é uma alegria. Nunca mais se cala. É capaz de ir apregoar aos céus e à terra que fez tal façanha, mas sempre a duplicar. Se apanhou quinze pássaros, diz a toda a gente que foram trinta e tudo acredita... ou faz de conta!

Lembro-me que o ano passado, estava eu sentado à porta

da sala de costura, a apanhar sol (Seria por volta da 1 hora da tarde. Era domingo.) quando de repente ouço uma grande algazarra. Eram uns sete rapazes que vinham completamente fora de si agarrados uns aos outros, tão eufóricos que eu até supuz que tivessem ganho a batalha de Waterloo ou coisa parecida. Pendurados no cinto trazia um, cerca de trinta pássaros das mais variadas qualidades: — eram melros, pardais, charnecos, pátinhas, etc.. Eu soube logo a causa dessa alegria. Foi fácil adivinhar. São sempre assim estes quadros primaveris na nossa Casa.

A Primavera tem também um outro aspecto muito especial na nossa Casa de Setúbal:

A piscina enche-se e todos começam desde logo a sonhar com uns bons mergulhos. Suaudos até aos poros, como é bom sentir a água envolver-nos por completo. É uma sensação de alívio e de relaxe!

Por outro lado a Primavera é também estação de sacrifício, de privação de certas coisas que nós gostaríamos imenso de fazer. É a época em que os estudantes se sentem mais apertados e têm de dar tudo por tudo (os que dão!) para conseguirem resultados satisfatórios. Os exames aproximam-se a passos largos e todos se têm de aplicar corajosamente e com renúncia dum sem número de coisas. Apetece-nos fazer isto, mas não, porque me interessa mais o estudo porque é dele que eu, posteriormente, vou tirar algum proveito e não do que eu quero fazer agora. É assim e tem de sê-lo sempre: — Uma suave renúncia aos nossos caprichos e paixões. É assim que nós ficamos mais aptos a ganhar o pão de cada dia numa forma mais fácil.

É necessário sacrifício e muito querer.

x x x

Destes breves apontamentos se pode concluir que na Primavera nem tudo são rosas... Há também espinhos e dos bons!...

Rogério

NOTA DA QUINZENA

Refiro-me à do jornal de 22 de Março passado.

É consolador poder informar os leitores de como de entre vós se levantaram não apenas vozes, mas também mãos abertas a oferecer solução para o futuro das crianças, cuja dramática situação era revelada na dita Nota.

As pequenas de 13, 10 e 6 anos têm quem as receba. Entregámos os oferecimentos ao critério da Assistente Social que nos propôs o caso, a qual, já previa ser «precisa a intervenção rápida e a colaboração de diversas entidades oficiais e particulares». Pois teve-a e espontânea, graças a Deus. A estas portas nem foi preciso bater. «O Gaiato» foi o recoveiro e deu conta do recado. Ora escutem uma resposta:

«Todas as notícias de irmãos que sofrem, crianças ao abandono, me causam viva impressão, e não era muito difícil de resolver todos ou quase todos os problemas se nós, irmãos em Cristo, déssemos as mãos. Mas vamos ao que interessa, como já disse lendo a notícia dessas crianças, disse ao meu marido para acolher 1, e tendo obtido

a aprovação, aqui estou a pedir a direcção para ir por ela e trazê-la para a juntar a quatro filhos que tenho e que Deus abençoe o meu lar, proteja os meus filhos e os livre de todos os males deste mundo que são cada vez mais e que faça com que eles acolham um novo irmão como se assim fôsse.»

Quem dera que cada um de nós, diante da gravidade e urgência de problemas sociais que Deus nos depara, recebesse a notícia como providencial convite — e, em vez de nos ficarmos sômente arrepiados e lamurientos, nos decidíssemos a procurar dentro de nós, dos nossos recursos, mesmo modestos, uma solução prática, uma resposta eficiente — e a déssemos!

x x x

Também à «Nota da Quinzena» de 19 de Abril, logo no mesmo dia em que o jornal saiu chegaram duas reacções, oferecendo colaboração.

Que conforto, que força nos não dá, esta presença activa, esta presença viva dos nossos leitores!



PELAS CASAS DO GAIATO

Venda de «O Gaiato» por terras da Beira Coimbra

Amigos leitores: eu como um dos vendedores venho falar-vos na venda de «O Gaiato» em Coimbra. Aqui é a nossa escola de vendedores do centro. É aqui que os principiantes fazem exame para depois irem vender a outra terras.

Arranjamos na venda de Coimbra cerca de 2.000\$00. Podíamos arranjar muito mais se mais pessoas nos comprassem o jornal. Nós gostamos muito de vender o jornal porque todos nos tratam muito bem.

Lita

Figueira da Foz

Somos dois vendedores do «Famoso» nesta cidade. Fazemos a viagem nos combóios da C. P. mas temos de pagar bilhetes, pois os senhores da C. P. são uns forreiros.

Vendemos ao sábado à tarde e aos domingos e ficamos em casa do nosso professor Crisanto que habita nesta cidade.

Todas as pessoas nos querem dar comer, mas nós agradecemos-lhes, dizendo que já temos onde ir. Quando nos compram «O Gaiato» ficamos cheios de alegria.

Simões

Leiria

Já há muito tempo que vamos vender o nosso jornal a Leiria, onde nos recebem sempre com muito amor e carinho. Nós vamos no sábado de manhã e regressamos no domingo à tarde nas camionetas dos «Oliveiras» de Águeda, que nos dão sempre os bilhetes.

Somos dois vendedores em Leiria e costumamos arranjar à volta de quinhentos e tal escudos.

Horacito

Tomar

É com grande gosto que venho falar da venda de «O Gaiato» nesta terra. Chego no sábado de manhã nas camionetas dos «Claros» — uma empresa amiga e antiga que nos faz bem. Termina a viagem, pego na saca dos jornais e logo toda a gente me recebe muito contente.

A venda foi sempre boa, embora dantes andasse à volta dos duzentos e agora nos quatrocentos, graças às festas que dão mais espírito e entusiasmo aos leitores. Graças a Deus, porque estamos certos, que nos recebem e ajudam com muita alegria.

Vitor

Luso

A venda de «O Gaiato» nesta terra é só no verão, no tempo das termas. Faço a viagem nas camionetas dos «Oliveiras» de Águeda que nos dão sempre boleia.

No Luso todos são nossos amigos, especialmente as senhoras do Hotel Lusitano que me fazem sempre uma grande festa. A venda anda à volta dos 350\$00.

Manelzito

Lousã

e Miranda do Corvo

Na Lousã e em Miranda vendem-se 180 jornais e todos nos tratam muito bem. Na Lousã é à terça-feira e vai-se de boleia, e em Miranda é à quarta-feira.

Luís Manuel!

Castelo Branco

Amigos leitores, é o vendedor de «O Gaiato» em Castelo Branco que vos vai falar. Costumo vender 400 jornais. Vendo aos domingos e segundas-feiras. Faço a viagem nas camionetas de «Adelino Pereira Marques» e na «Empresa Martins de Évora» os quais nos levam de graça.

Todas as pessoas gostam de nos dar de comer e dormir, e tratam-nos muito bem. A todos muito obrigado.

António Alberto

Covilhã e Fundão

Somos dois vendedores na Covilhã e no Fundão. Partimos de casa na sexta-feira e apanhamos a camioneta de «Adelino Pereira Marques» até à Pampilhosa da Serra, e aqui a «Empresa Martins de Évora» até Castelo Branco. Depois apanhamos o combóio até à Covilhã, mas temos de pagar bilhetes.

Na Covilhã e no Fundão arranjamos mais de 600\$00. Todas as pessoas nos querem dar comida, e vamos dormir a Casa de S.ta Zita, onde nos tratam com muito amor.

Flávio

Lourenço Marques

Cont. da PRIMEIRA página

A cruz foi levada, da Casa onde habitamos ao lugar próprio, tendo, nas paragens necessárias para descansar, meditado na Cruz e Palácio de Cristo, por amor de Quem estamos aqui, dando, como Ele deu, um testemunho de amor.

É por ela, a Cruz, que Cristo levanta o mundo. Pois esse sinal da força de Deus fica plantado na nossa Aldela a dizer que aqui se vai levantar o mundo também. Os rapazes que entrarem as nossas portas não sairão os mesmos. Todos serão marcados pela força e vida que nos vem da Cruz. Ela é um sinal de triunfo. Quantas vitórias não vamos contar à sua sombra. Ela é um sinal de união dos homens com Deus e dos homens entre si. O caminho mais próximo para Deus passa por aqui.

Padre José Maria

Visado pela Comissão de Censura

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O QUE RECEBEMOS — Não podemos deixar de aproveitar uma aberta de paginação do nosso Manuel António. Faz jeito um artigo pequenino... Ai vão, pois, as ofertas dos nossos amigos:

Abrimos com 800\$00 «pedindo uma Avé-Maria pelas almas do Purgatório, em especial por Maria José da Graça». Mas que legenda tão cristã!

Duas remessas de «Alice Pequena»: uma de 50\$00 e outra de 100\$. Abóboda — Oeiras com 50\$00. E 20\$00 de Rebordões — Santo Tirso. Duas remessas de 40\$00 da perseverante assinante 17022. E, por fim, mais 50\$00 do assinante 5400, de Lisboa.

Os senhores e as senhoras não se esqueçam dos nossos Pobres. Temos, às vezes, casos que muito nos preocupam. Sobretudo porque estamos normalmente muito dependentes.

Para todos um muito obrigado.

Júlio Mendes

VISTAS DE DENTRO

— Aonde vais? — perguntei eu ao vê-lo encaminhar-se para o portão junto do depósito da água.

— Vou roubar flores a casa da D. Hortense.

D. Hortense não está há meses. Tem muitas flores, flores a mais no seu jardim. Ele é chefe e gosta da sua casa sempre mais bonita. Não para de enfeitar. Parte dos seus recreios são vividos a enfeitar a casa.

De rebelde e fechado que foi, é hoje extraordinariamente espontâneo. Eu chamo-lhe rei e trato-o muitas vezes por majestade: «Rei dos vigaristas!»

Que bom se as mondas que os homens fazem, proviessem sempre de ansia de bem e de beleza. E não houvesse no mundo outro crime de furto senão roubar flores!

x x x

x x x

«Jójó» veio há dias e é agora o mais pequenino de todos. Muito esperto, muito vivo, muito comunicativo — quem lhe resiste?!

No dia seguinte apareceu af a avó. Dias depois a mesma e um suposto irmão. Pegaram nele e levaram-no.

A malta deu fé. Armou-se o bando perseguidor. Deram com eles já em Cete. Preparavam-se para tomar um táxi. «Carioca» ameaça o motorista de que «se os levasse seria cúmplice e ver-se-ia a contas com a Polícia».

O motorista não levou. A malta retomou o «Jójó» e trouxe-o, vitoriosa e feliz.

A tardinha, à hora do terço, um que já deu dores de cabeça e hoje me é dos apoios mais consoladores que Deus dá, com o «Jójó» ao colo, muito estremecido, desabafava:

— Se os cá apanho levam uma corrida!... O «Jójó» é mais meu que deles!

Eis como o «Jójó» lhe deu a descobrir a dor que muitas vezes nos fere, quando nos roubam um filho, mais nosso do que de ninguém!

x x x

Outro dia o «Jójó» subia a ladeira que dá da Tipografia pró adro da Capela. A seu lado outro maiorzinho.

«Jójó» disse-lhe: — Olha, tu agora és a minha Mãe.

Que verdade espantosa e simples anunciou ao mundo o

«Jójó»! A Mãe dele anda por lá... Pai... foi qualquer macho que o gerou.

Contudo, não vem homem ao mundo que não precise e não deseje pai e mãe. «Jójó» também. E então, com a sua ingenuidade de criança, por cuja boca Deus fala aos sábios e aos soberbos, fez a nomeação: «Tu és a minha Mãe».

Aos eminentes técnicos de pedagogia e educação infantil formados por altas escolas do mundo e laureados por outras dos arredores, declaramos que, para nós, não queremos outra ciência nem sabedoria, senão aquela que Deus fez intuir a Pai Américo e transformou o seu sacerdócio em paternidade, que enche de alegria divina os corações famintos de bondade, de simplicidade.

Nem que a gente se queira emproar de importância, não pode. Eles não deixam, não nos deixam cair na tentação da «torre de marfim».

Foi há momentos. Tinoco II, meu servente de mesa e secretário prá limpeza dos escritórios na ausência do titular, na venda do jornal, abre a porta, verifica que estou, faz um silencioso sinal com os dedos e assim introduz o visitante.

Outra nota importante: Não há discriminação de classes sociais. Quando me anunciam alguém é sempre:

— Está ali um senhor (ou uma senhora) que quer falar consigo. (E isto dito num tom de urgência, que não consente demoras, nem perdoa que esteja no presente ocupado com alguém de casal!)

x x x

Henrique é o expedidor do jornal prós trinta e tal mil assinantes e chefe de embalagem dos quase vinte mil que vão prá venda das várias Casas. Na semana de jornal a sala de expedição é um mundo de azáfama e de ruído. Gosto muito de ir por lá!

Ora tem acontecido que, ao passar pelo Henrique, ele destaca um jornal posto em separado e mo indica com um sorriso delicioso:

— O jornal do Senhor Presidente do Conselho. É o assinante n.º 53.

Ele não estava habituado a servir Primeiros Ministros...!



Cont. da PRIMEIRA página

usufruído dos meios de civilização elementares durante, ao menos, o tempo de preparação intelectual, se venham autenticamente a sepultar em locais incríveis.

A obrigatoriedade da 5.ª e 6.ª classe e o recurso à Telescola serão um bem, na medida em que o ensino das primeiras 4 classes estiver assegurado. Fora disso, será como querer construir um prédio a começar pelo telhado! A instalação de bibliotecas infantis, a educação musical e artística, em geral, as visitas de estudo frequentes e orientadas, etc., não poderão deixar de ser passos a percorrer com firmeza, em ordem ao desenvolvimento das faculdades das crianças portuguesas. Se pensarmos que aquilo que há de salutar nos campos apontados se cinge a poucos centros, não obstante o avanço causado pela Telescola, não deixaremos de ver o que há ainda por realizar. Quantos valores perdidos, Santo Deus!

Permitir às crianças inciativas, ampará-las e compreendê-las; dar-lhes responsabilidades e chamá-las a contas, fazendo-lhes ver os aspectos positivos e negativos; despertar o espírito crítico na mente de cada um, no respeito mútuo que é de exigir sempre; fazer sentir que não somos isolados uns dos outros, antes solidários; eis, entre outros, alguns aspectos a considerar, para tornar a criança «um membro útil da sociedade» e a si própria.

x x x

A nossa festa correu alegre e a todos satisfez. As palavras de aplauso recebidas, por escrito ou em pessoa, excederam tudo o que se possa imaginar. As capas renderam cerca de 23 contos, uma ajuda considerável para a imensidade de coisas que precisamos para a nova Casa-mãe. Entretanto esperamos continuar pelas igrejas de Lisboa, na nossa missão de pedintes.

Padre Luís



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE